

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL



EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano LI, número 41 (2.666)

Cidade do Vaticano

terça-feira 13 de outubro de 2020

No Angelus o Papa expressou proximidade às populações atingidas pelos incêndios em várias partes do mundo

Ter o cuidado de preservar a criação

NESTE NÚMERO

Pág. 2: Juramento de 38 recrutas da Guarda Suíça Pontifícia; *pág. 3:* Audiência geral de quarta-feira, 7 de outubro; *págs. 4-5:* Entrevista com o prefeito da Secretaria para a Economia, por Andrea Tornielli; *pág. 6/7:* Cada parábola é um desafio, por Amy-Jill Levine; Num livro as catequeses de Francisco sobre as bem-aventuranças, por Nunzio Galantino; *pág. 8:* Discurso do Pontífice aos funcionários e dirigentes da "Cassa Depositi e Prestiti"; O novo site da Lev; *pág. 9:* Discurso ao Círculo de São Pedro; Mensagem do Pontífice na abertura da assembleia plenária do Conselho das Conferências episcopais da Europa; *pág. 10:* Beatificado em Bolonha o sacerdote Olinto Marella; *pág. 11:* Informações; Tema do próximo Dia das comunicações sociais; *pág. 12:* Angelus de domingo, 11 de outubro.

Juramento de 38 recrutas da Guarda Suíça pontificia

Crescer na fidelidade

São Francisco de Assis como exemplo de vida renovada. Uma figura, o Pobrezinho, que «convida a rezar mais intensamente hoje pelo Papa que assumiu o seu nome e a motivar-nos no serviço que lhe prestamos, para que nunca se reduza a uma tarefa honrosa, mas seja uma obra do coração marcada pela oração»; disse o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, durante a Missa presidida no altar da Confissão na Basílica do Vaticano, na manhã de 4 de outubro. Com esta celebração eucarística começou o dia dedicado ao juramento de 38 novos recrutas da Guarda Suíça pontificia. O evento foi dividido em dois momentos: a missa presidida pelo cardeal e, à tarde, o juramento no pátio de São Dâmaso, onde devido à pandemia de Covid-19, teve lugar de forma estritamente privada. Na presença apenas dos familiares mais próximos dos recrutas, renovou-se a sugestiva cerimónia — tradicionalmente realizada a 6 de maio — ritmada pela recitação da fórmula do juramento diante da bandeira do Corpo.

Na homilia, o cardeal Parolin recordou que São Francisco, «tendo chegado a um momento particularmente difícil da vida, porque estava doente e quase cego, a ponto de não poder suportar a luz nem sequer o brilho do fogo, teve uma experiência particular». Ele passou «uma noite de grande sofrimento físico e de luta espiritual e, após oração intensa, sentiu o conforto do Espírito». Foi depois desta noite, explicou, que «de madrugada teve a inspiração para compor a sua obra mais conhecida, o Cântico das Criaturas», na qual louvava «o Senhor precisamen-

te pelo «irmão sol», e com a qual deu substancialmente início, ele que parecia ter chegado ao fim, à literatura italiana».

Isto ensina, comentou o secretário de Estado, que com o Senhor até «a noite mais escura dá lugar ao dia e cada crise pode tornar-se uma fonte de esperança renovada». O purpurado fez então referência ao juramento, dizendo: é «um gesto revelador de uma fidelidade mais profunda». Na verdade, «prometer fidelidade ao sucessor de Pedro por amor a Cristo» não significa «apenas expressar a vontade de cumprir cuidadosamente um dever assumido», mas também de «adaptar a vida a essa intenção». Em termos concretos é uma manifestação da «vontade de crescer, através do serviço destes anos, em fidelidade ao Senhor e ao seu Evangelho». Uma «fidelidade que também pode beneficiar do clima construtivo e fraterno que existe entre vós» — disse aos guardas — e ser estruturada «numa união saudável entre ordem de vida e amizade genuína». A fidelidade do Corpo, salientou o cardeal, é também «sustentada por raízes sólidas: por aqueles que estão próximos de vós mesmo estando distantes, como os vossos familiares, e também por quantos vos precederam na história» com «gestos heroicos de dedicação e sacrifício».

Na Eucaristia, concluiu o purpurado, «a memória e a ação de graças estende-se a toda a família da Guarda Suíça, a quem desejo expressar verdadeira gratidão e renovar a estima da Santa Sé e a minha pessoal». Com estes sentimentos, o secretário de Estado formulou votos aos pre-



sentes para que «vivam o serviço na vinha do Senhor enxertados diariamente em Jesus, porque só assim daremos verdadeiramente fruto».

No início da missa, o capelão Widmer saudou o cardeal e as famílias dos novos recrutas, referindo-se à pandemia da Covid-19 e frisando que «as circunstâncias difíceis em que celebramos a festa de hoje nos ajudam a redescobrir o essencial: isto é, «a presença da família que está unida e que se reúne à volta de Pedro para ouvir e pôr em prática o que o divino Mestre, Jesus Cristo, nos quer dizer».

Também à tarde, no pátio de São Dâmaso — quando na presença do arcebispo Edgar Peña Parra, substituto da Secretaria de Estado, teve lugar a cerimónia do juramento — o capelão destacou que o juramento não é apenas «uma forte promessa» mas «um ato de culto a Deus, por-

que temos Deus como testemunha de uma afirmação verdadeira». Em seguida, o capelão falou do primeiro sacramento, quando o batizado recebe uma veste branca, «sinal do revestir-se com a graça de Deus, a amizade de Jesus». Eis o convite a pensar na farda do Corpo que «poderia deste modo tornar-se um sinal de amizade». A isto deve estar associada a consciência da fiel amizade de Cristo.

Também o comandante Graf convidou a construir uma relação de confiança com Cristo, dizendo: «Ele não pretende muito de nós; quer que lhe sejamos fiéis, que guardemos os seus mandamentos, e que nos esforcemos por O seguir todos os dias». Para alcançar os objetivos da Guarda Suíça pontificia, concluiu, «devemos esforçar-nos por restabelecer a confiança em nosso Senhor Jesus Cristo».



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum, Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +390669889420
fax +390669883075

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico

telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora Santuário, Televendas: 08000160004 ou 00551231042000. E-mail: sac@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@direzioneromano.it

CATEQUESE

O Papa retomou as catequeses sobre a oração

Cristãos corajosos diante dos poderosos

«Quanta necessidade temos de cristãos zelosos, que ajam diante de pessoas que desempenham responsabilidades de chefia com a coragem de Elias»: frisou o Papa falando do profeta na audiência geral de quarta-feira, 7 de outubro. Francisco retomou as catequeses sobre a oração que tinha interrompido por algumas semanas dedicando um ciclo ao tema da cura do mundo em tempos de pandemia. A seguir a reflexão do Pontífice durante o encontro com os fiéis na sala Paulo VI.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Retomamos hoje as catequeses sobre a oração, que interrompemos para fazer a catequese sobre o cuidado da criação, e agora recomeçamos; e encontramos um dos personagens mais fascinantes de toda a Sagrada Escritura: o profeta Elias. Ele supera os limites do seu tempo e podemos ver a sua presença também nalguns episódios do Evangelho. Ele aparece ao lado de Jesus, juntamente com Moisés, no momento da Transfiguração (cf. *Mt* 17, 3). O próprio Jesus refere-se à sua figura para dar crédito ao testemunho de João Batista (cf. *Mt* 17, 10-13).

Na Bíblia, Elias aparece repentinamente, de uma forma misteriosa, proveniente de uma pequena aldeia que é completamente marginal (cf. *1 Rs* 17, 1); e no final deixará a cena, sob o olhar do seu discípulo Eliseu, numa carruagem de fogo que o levará para o céu (cf. *2 Rs* 2, 11-12). Portanto, é um homem sem uma origem exata, e sobretudo sem um fim, raptado para o céu: por este motivo, o seu regresso era esperado antes da vinda do Messias, como um precursor. Era assim que se esperava o regresso de Elias.

A Escritura apresenta Elias como um homem de fé cristalina: no seu próprio nome, que poderia significar “Javé é Deus”, está contido o segredo da sua missão. Ele será assim para o resto da sua vida: um homem integérrimo, incapaz de compromissos mesquinhos. O seu símbolo é o fogo, a imagem do poder purificador de Deus. Será o primeiro a ser posto à prova e permanecerá fiel. Ele é o exemplo de todas as pessoas de fé que conhecem tentações e sofrimentos, mas não deixam de viver à altura do ideal para o qual nasceram.

A oração é a seiva que alimenta constantemente a sua existência. Por esta razão, é um dos personagens mais queridos à tradição monástica, a ponto que alguns o elegeram pai espiritual da vida consagrada a Deus. Elias é o homem de Deus, que se levanta como defen-

sor da primazia do Altíssimo. No entanto, também ele é obrigado a enfrentar as próprias fragilidades. É difícil dizer quais experiências lhe foram mais úteis: se a derrota dos falsos profetas no Monte Carmelo (cf. *1 Rs* 18, 20-40), ou a desorientação na qual constata que «não é melhor do que os seus pais» (cf. *1 Rs* 19, 4). Na alma de quem reza, o sentido da própria debilidade é mais precioso do que momentos de exaltação, quando parece que a vida é uma cavalcada de vitórias e sucessos. Na oração acontece sempre isto: momentos de oração que sentimos que nos animam, até de entusiasmo, e momentos de prece de dor, de aridez, de provações. A oração é assim: deixar-se levar por Deus e deixar-se inclusive flagelar por situações negativas e por tentações. Esta é uma realidade que se encontra em muitas outras vocações bíblicas, também no Novo Testamento; pensemos, por exemplo, em São Pedro e São Paulo. Também a vida deles era assim: momentos de exultação e momentos de desânimo, de sofrimento.

Elias é um homem de vida contemplativa e, ao mesmo tempo, de vida ativa, preocupado com os acontecimentos do seu tempo, capaz de se lançar contra o rei e a rainha, quando eles mandaram matar Nabot para se apoderarem da sua vinha (cf. *1 Rs* 21, 1-24). Quan-



ta necessidade temos de crentes, de cristãos zelosos, que ajam diante de pessoas que desempenham responsabilidades de chefia, com a coragem de Elias, para dizer: “isto não se deve fazer! Isto é um assassinio!”. Precisamos do espírito de Elias. Deste modo, ele mostra-nos que não deve haver dicotomia na vida de quantos rezam: está-se perante o Senhor e vai-se ao encontro dos irmãos aos quais Ele envia. A prece não é um fechar-se com o Senhor para mascarar a alma: não, isto não é oração, uma oração assim é fingida. A oração é um confronto com Deus e um deixar-se enviar para servir os irmãos. A prova da oração é o amor concreto ao próximo. E vice-versa: os crentes agem no mundo depois de terem, primeiro, silenciado e rezado; caso contrário, a sua ação é impulsiva, desprovida de discernimento, é um correr ofegante sem meta. Os crentes comportam-se assim, cometem tantas injustiças, porque não foram primeiro rezar diante do Senhor, discernir o que devem fazer.

As páginas da Bíblia sugerem que também a fé de Elias progrediu: ele cresceu na oração, aperfeiçoou-a pouco a pouco. Para ele, o rosto de Deus tornou-se mais nítido ao longo do caminho. Até atin-

gir o seu ápice naquela experiência extraordinária, quando Deus se manifestou a Elias no monte (cf. *1 Rs* 19, 9-13). Ele manifesta-se não na tempestade impetuosa, não no tremor de terra nem no fogo devorador, mas no «murmúrio de uma leve brisa» (v. 12). Ou melhor, uma tradução que reflete bem aquela experiência: um fio de silêncio sonoro. É assim que Deus se manifesta a Elias. É com este sinal humilde que Deus comunica com Elias, que naquele momento é um profeta fugitivo que perdeu a paz. Deus vai ao encontro de um homem cansado, de um homem que pensava ter falhado em todas as frentes, e com aquela brisa leve, com aquele fio de silêncio sonoro faz voltar ao seu coração a calma e a paz.

Esta é a vicissitude de Elias, mas parece escrita para todos nós. Em certas noites podemos sentir-nos inúteis e solitários. É então que a oração virá e baterá à porta do nosso coração. Todos nós podemos aceitar uma parte do manto de Elias, como o seu discípulo Eliseu aceitou metade do manto. E mesmo que tivéssemos feito algo errado, ou se nos sentíssemos ameaçados e apavorados, regressando a Deus com a oração, voltarão também como que por milagre a serenidade e a paz. Eis quanto nos ensina o exemplo de Elias.

No final da catequese, saudando os vários grupos de fiéis, o Papa proferiu as seguintes palavras aos de língua portuguesa.

Dirijo uma saudação cordial aos peregrinos e ouvintes de língua portuguesa, convidando-vos a tomar o rosário nas mãos todos os dias e erguer o vosso olhar para Nossa Senhora, sinal de consolação e esperança segura. Que a Virgem Santa ilumine e proteja toda a peregrinação da vossa vida até à Casa do Pai!



Entrevista com o prefeito da Secretaria para a Economia

«Eis o balanço da Cúria ao serviço do Papa e da missão»

ANDREA TORNIELLI

«Os fiéis têm o direito de saber como utilizamos os recursos». O padre Juan Antonio Guerrero Alves, Prefeito da Secretaria para a Economia (SPE), explica nesta entrevista concedida aos meios de comunicação social do Vaticano o estado das contas da Cúria Romana no balanço de 2019.

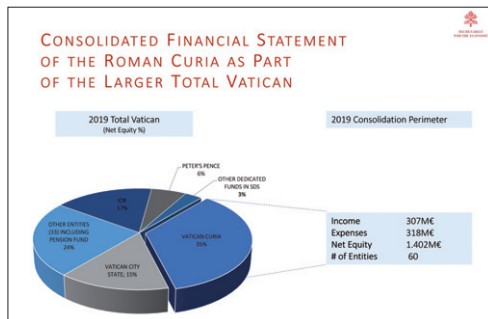
Padre Guerrero, o senhor acabou de apresentar o balanço da Cúria ao Conselho para a Economia. Muitos pedem ao Vaticano que lance uma operação de transparência, que explique, aos fiéis e aos não fiéis, o estado das suas contas. O que pode dizer através de nós àqueles que gostariam de compreender?

Aqueles que pedem transparência têm razão. A economia da Santa Sé deve ser uma casa de vidro. É o que o Papa nos pede. Este é o compromisso da SPE e também o meu, e é isto que vejo nos outros órgãos da Cúria. Por isso foi iniciada uma reforma. E algumas regras foram alteradas. Foi introduzido o código de empreitadas. Estamos a avançar nesta estrada. Os fiéis têm o direito de saber como utilizamos os recursos na Santa Sé. Não somos proprietários, somos depositários de bens que recebemos. É por isso que, ao apresentar o balanço de 2019, gostaríamos de explicar aos fiéis, da forma mais compreensível possível, quais são os recursos da Cúria Romana, de onde eles vêm e como são utilizados.

Então talvez valha a pena dar um passo atrás. Antes de mais nada, explicar do que estamos a falar. Por vezes há confusão entre a Cúria Romana e toda a Igreja. Outras, entre a Cúria e o Vaticano. O que é a Cúria?

É verdade. Assim, antes de mais, o que apresentamos não é o balanço da Igreja. Há Conferências episcopais, dioceses, paróquias, congregações e institutos religiosos, e uma infinidade de obras da Igreja, espalhadas pelo mundo, que não entram no balanço da Santa Sé. Nem as contas de todo o Vaticano, que também incluem, por exemplo, o balanço da Cidade do Vaticano, ou seja, do Governatorato; o IOR, o óbolo de São Pedro, e um número elevado de Fundações que colaboram com os dicasterios. Todas estas instituições apresentam os seus resultados e informam as autoridades correspondentes. O que apresentamos ao Conselho para a Economia é o balanço da Cúria Romana, ou seja, da Santa Sé no sentido estrito: sessenta instituições ao serviço do Papa na sua missão de guia da Igreja, no seu serviço de unidade na caridade, ou seja, evangelização, comunicação, promoção do desenvolvimento humano integral, educação, ajuda às Igrejas em dificuldade, formação do clero, etc.

Por que define o da Santa Sé um "balanço de missão"?



Porque relaciono o dinheiro com a missão. Para que serve? É por isso que na apresentação do balanço procuramos explicar como são utilizados os recursos, para que fim, para que missão. Ou seja, queremos que o balanço explique como utiliza a Santa Sé os seus recursos para cumprir a sua missão, o seu serviço à missão do Santo Padre. Depois há outro aspeto. A Santa Sé não funciona como uma empresa ou Estado, não procura lucros nem excedentes. Portanto é normal que esteja em déficit. Quase todos os dicasterios são de facto "centros de custo": realizam um serviço que não é vendido nem patrocinado. Evitar o déficit não é o objetivo da Santa Sé. O seu espírito é outro. Pensamos que o objetivo seja que os custos correspondam a tudo o que é necessário para o serviço da missão que nos foi confiada. Neste sentido, é desejável que possamos ter muito, se muito for o que ajuda para o serviço que temos de prestar. Por outras palavras, não podemos ignorar qual é a justa necessidade de recursos e quais recursos estão disponíveis: temos de ser economicamente prudentes. Mas também não podemos pensar e agir sozinho sobre eles, por vezes temos de dar mais do que temos para cumprir a nossa missão: devemos ter audácia missionária. O que temos de resolver é se o déficit é sustentável ou se é financiado adequadamente a longo prazo. Há tantas necessidades no mundo. Devemos confiar na Providência, que age através da generosidade dos fiéis.

Qual é, então, a missão em termos concretos?

A missão da Santa Sé, da Cúria Romana, não é apenas a caridade do Papa, entendida como uma espécie de ONG que recebe donativos e os distribui onde são necessários. A Igreja faz muito, muitíssimo para ajudar os necessitados. A maior parte deste tipo de ajuda é feita a nível local, em paróquias e dioceses. E a Cúria também faz muito. A principal missão da Santa Sé é ajudar a levar a mensagem do Evangelho até aos confins da terra, comunicando-a, mediando em situações em que se torna opaca, ajudando os necessitados, trabalhando para o bem da humanidade, apoiando as Igrejas locais em dificuldade, comunicando o magistério do Papa, procurando a uni-

dade na doutrina e liturgia, julgando nos conflitos no seio da Igreja, encorajando a reflexão sobre certas questões, estabelecendo um diálogo de alto nível, dando orientações às Igrejas locais, etc. A "caridade do Papa" expressa de todas estas formas o amor do Papa pela Igreja e da Igreja pelo mundo.

Quais são os números do balanço de 2019?

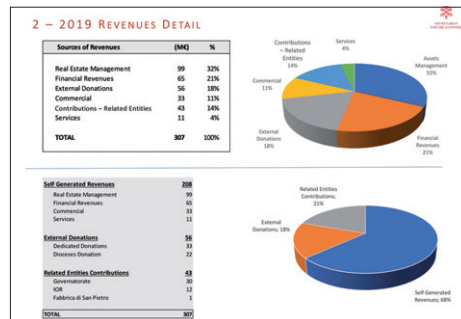
Como já disse no passado, de onde quer que olhemos, a Santa Sé não é uma grande entidade económica. Tivemos receitas de 307 milhões de euros, gastámos 318 milhões de euros. O nosso déficit é de 11 milhões. Temos um património líquido de 1,402 milhões de euros. Há muitos liceus nos Estados Unidos que têm um volume superior ao indicado pela Cúria Romana neste balanço.

E no respeitante ao balanço de todo o Vaticano?

Como disse no início, a Cúria não é o Vaticano inteiro. Adicionando o balanço do Governatorato, do óbolo, do IOR, do Fundo de pensões e das Fundações que ajudam a missão da Santa Sé, obtém-se um valor líquido de cerca de 4.000 milhões de euros. Se consolidássemos tudo, em 2019 não teria havido déficit, nem houve em 2016, último ano em que todas estas contas foram consolidadas. No entanto, não quero dizer que não temos quaisquer dificuldades e que nesta crise do coronavírus não teremos dificuldades maiores.

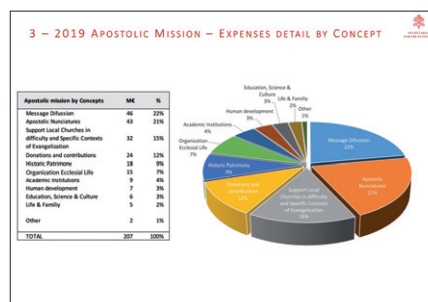
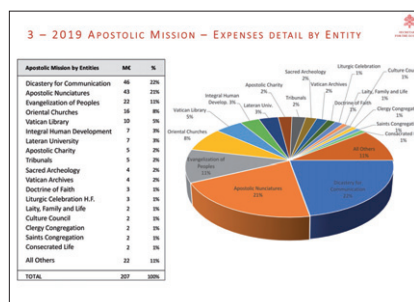
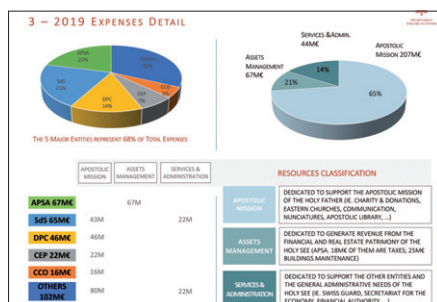
Voltemos à Cúria, quais são as suas fontes de rendimento?

Em 2019, 54%, ou 164 milhões de euros, foram gerados a partir do próprio património. A atividade comercial (visitas às catacumbas, que ao contrário dos museus fazem parte da Santa Sé, produções vendidas pelo Dicasterio para as Comunicações, Libreria Editrice Vaticana, etc.) e serviços (taxas para certos certificados, taxas académicas de instituições universitárias, etc.) fruturam 14%, ou 44 milhões de euros. As entidades do Vaticano que não se consolidam neste balanço (IOR, Governatorato, Basilica de São Pedro) contribuíram com 14% das receitas, 43 milhões. E as doações das dioceses e dos fiéis foram 56 milhões de euros, 18%.



Vejamos agora as despesas. Quanto custa a Cúria, como são repartidos os seus custos?

Poderíamos dividir os custos em três blocos: aquilo a que chamamos *asset management* é de 67 milhões de euros, 21% dos custos, e inclui 18 milhões de euros em impostos e 25 milhões de euros gastos em manutenção de edifícios. Poderíamos dizer que estes 67 milhões de euros é quanto nos custa gerar os 164 milhões de euros em receitas que mencionei anteriormente, que provêm da propriedade. Os serviços e a administração são responsáveis por 14% das despesas. E as despesas de missão absorvem 65% das mesmas. Em geral, o que mais me impressionou quando conheci melhor a Cúria é que se faz muito com pouco. Analisei os balanços de vários países e regiões, não encontrei nada comparável com a manutenção de 125 nunciaturas e missões permanentes no mundo com 43 milhões de euros, com a relevância, a capacidade de mediação e a proposta da Santa Sé. Publicando um jornal diário bem conhecido, como «L'Osservatore Romano», transmitindo mais de 24 horas por dia em 40 línguas, como fazem a Rádio Vaticano e os meios de comunicação social do Vaticano, gerando notícias e explicando-as como faz o Vatican News, gastando 45 milhões de euros: não encontrei nenhuma comparação no mundo da comunicação. A mensagem do Evangelho deve chegar aos confins do mundo e, na medida do possível, é desejável que chegue na língua própria de cada povo e de uma forma que possa ser compreendida na sua cultura. É também interessante ver como a comunicação da Santa Sé se modernizou nos últimos anos, reduzindo inclusivamente os custos. E se olharmos para a Biblioteca, ou para os arquivos ou para a arqueologia cristã, que se ocupam de um património não só da Igreja, mas da humanidade, e o compararmos com instituições semelhantes: podemos dizer que o fazem com dignidade e, relativamente com pouco. O mesmo pode ser dito das instituições universitárias, etc. Sempre que encontro um termo de comparação com outras instituições semelhantes ou comparáveis, parece-me que a Santa Sé faz muito com pouco, graças a muitas pessoas que trabalham com grande generosidade. Não quero dizer



Alguns gráficos que mostram os dados do balanço de 2019

que não temos de melhorar em tantas coisas. Mas também se deve salientar que há muito feito bem.

O déficit de 2019, de 11 milhões, é muito inferior ao déficit de 2018, que foi de 75 milhões. Pode-se ver que o resultado foi alcançado através de investimentos. Enquanto o déficit operacional é de 68 milhões em comparação com 88 milhões em 2018.

As finanças cobrem, como fez presente, uma parte do déficit de gestão. Além disso, na comparação, alguns custos e receitas que eram extraordinários em 2018 ou 2019 deveriam ser eliminados. A neutralização destes “onetimers” resultaria num déficit de 22 milhões de euros em 2019 contra 50 milhões de euros em 2018. Já disse que não podemos simplesmente considerar-nos como geradores de déficit. A nossa missão tenderá sempre a produzir défices, não gerará receitas suficientes. É um serviço que não fazemos com fins lucrativos. Devemos encontrar uma forma para sustentar a missão a longo prazo.

Qual é a linha nesta frente?

Não são suficientes apenas as poupanças e os necessários controles que visam a poupança e a contenção das despesas para reduzir o déficit. Há muitas entidades na Santa Sé que fazem muito com pouco. A poupança deve ser acompanhada de um exame das receitas, ou seja, dos investimentos, quer mobiliários quer imobiliários, a fim de procurar uma otimização. Este trabalho em colaboração, pouco a pouco, está a chegar a uma conclusão. No que diz respeito à questão das receitas, devemos pensar também nas doações. As doações dos fiéis, somando também o óbolo, contribuem com 35% para as despesas. Os fiéis querem contribuir para a missão da Igreja, mas é indispensável uma política de transparência externa e de comunicação capaz de transmitir com exatidão a forma como utilizamos o dinheiro que recebemos e administramos. Este é o objetivo que queremos alcançar, este foi o caminho para o qual o Santo Padre nos orientou. Esta é a linha. Como se sabe, nos últimos meses foi aprovado o código de empenhadas. A esperança é que, para além de promover a transparência, permita também, graças à concorrência, obter poupanças. Precisamos de alguma ação em relação ao trabalho de modo a dispor de pessoas mais motivadas e responsáveis nas tarefas que lhes são confiadas, maior mobilidade, bem como uma maior eficiência e uma redução de custos. Precisamos de procurar modelos mais flexíveis que recompensem o

mérito, o empenho e as competências profissionais.

Na sua entrevista ao Vatican News de maio passado, falou sobre o projeto de centralizar os investimentos. Como está a proceder?

Há decisões que requerem tempo para serem implementadas. Pouco a pouco estão a ser feitos progressos. De acordo com a Constituição *Pastor bonus* (1984), a APSA é a administradora da Sé Apostólica. Em novembro de 2018, o Papa pediu ao cardeal Marx, coordenador do Conselho para a Economia, que centralizasse os investimentos. Pouco a pouco estamos a avançar nesta direção. Este ano, tivemos muitas reuniões e encontros, examinámos muitos modelos possíveis. Penso que fizemos progressos e que a decisão está madura para escolher um modelo, aprendendo com as boas práticas dos outros. Penso que é provável que no final do ano ou no início do próximo, os passos finais sejam dados. A centralização permitirá sem dúvida uma maior transparência: um controlo mais claro, além de dar a possibilidade de investir de forma unitária, seguindo a doutrina social da Igreja, com critérios éticos, sustentáveis, de boa governação e profissionais. Deve dizer-se que a maioria dos investimentos estão centralizados na APSA. Muitos outros investimentos feitos por instituições ligadas à Santa Sé também se realizam através do IOR, que oferece uma garantia de controlo, transparência e critérios éticos. É óbvio que o IOR, que nos últimos anos fez um magnífico percurso, deveria também desempenhar um papel importante na organização dos investimentos da Santa Sé. Com efeito, a centralização deve ser combinada com a subsidiariedade: nem tudo pode ser centralizado se quisermos ser eficazes.

O senhor fala de investimentos como se não tivesse lido os jornais destas semanas...

Vivo no presente. Leio os jornais. É possível que, nalguns casos, a Santa Sé tenha sido mal aconselhada e até enganada. Penso que estamos a aprender com os erros ou imprudências do passado. Trata-se agora de acelerar, por impulso decisivo e insistente do Papa, o processo de conhecimento, transparência interna e externa, controlo e colaboração entre os diferentes dicasterios. Incluímos as nossas equipas profissionais de alto nível. Atualmente, existe comunicação e colaboração entre os dicasterios de conteúdo económico para abordar estas questões. A colaboração é um grande passo em frente. A

secretaria de Estado, a APSA e a SPE estão a cooperar bem. Podemos certamente cometer erros, enganar-nos ou ser burlados, mas parece-me mais difícil que isso aconteça quando trabalhamos juntos e agimos com competência, transparência e confiança entre nós.

Quais são os riscos para o futuro?

Os grandes Estados, empresas e sociedades encontram-se em dificuldades econômicas. Postos à prova pela crise sanitária e econômica, assumem créditos que serão difíceis de pagar, adiam todos os pagamentos, procuram manter a liquidez face à incerteza futura. Nós que somos pequenos não podemos deixar de estar em dificuldade. Dependemos dos rendimentos dos bens e das doações, e a crise está a atingir negativamente ambos. O pior que podemos fazer é não reconhecer a dificuldade ou escolher a opção “cada um por si”. Temos de caminhar juntos. Devemos resistir. Resistir juntos, partilhar os sacrifícios. Como disse o Papa, a crise pode ser uma situação privilegiada que nos torna melhores. Pode também ser uma oportunidade para introduzir as mudanças necessárias que já foram observadas.

Quais são as razões do pedido feito aos dicastérios em abril passado para transferir a sua liquidez para a APSA?

A APSA é uma entidade concebida para gerir os recursos de todos os dicasterios. Em abril, dada a incerteza representada pelo lockdown, sem saber quanto tempo iria durar, frisei e previ que iria afetar as receitas. Tínhamos decidido não cortar as doações nem a ajuda às pessoas e Igrejas necessitadas – outros poderiam de facto estar em pior situação do que nós – nem os salários das pessoas que trabalham para a Santa Sé. E é por isso que as doações e a ajuda têm aumentado. A APSA tinha de pagar os salários, não sabíamos quanto tempo duraria o encerramento, nem se iríamos obter as receitas esperadas. Assim, pedimos aos dicasterios que mantivessem a sua liquidez na APSA.

É verdade que a Secretaria de Estado permanecerá sem “pasta” e que os seus fundos serão geridos pela APSA?

A Secretaria de Estado está neste processo há meses. Está desempenhando a sua tarefa. Está a fazer um grande trabalho de clareza, transparência e ordem. Transferiu todos os seus fundos para o IOR e a APSA e participará no processo de centralização de investimentos, com uma gestão mais técnica e profissional. Esta afirmação sobre a perda da "pasta", pelo que sei, não é exata. A

gestão será feita de outra forma, como é o caso de outros dicasterios que têm uma pasta. Nos últimos meses vi que no Vaticano, como no resto da Igreja, há um respeito sagrado pelo destino dos fundos, pela vontade expressa pelos doadores. Quando uma doação é aceite para um objetivo específico, isto é respeitado. Muitos dos fundos geridos pela Secretaria de Estado foram recebidos para um fim específico, sempre naturalmente ligados à nossa missão. Se os fundos forem geridos por outro organismo, devem permanecer associados a esse fim, com os mesmos beneficiários.

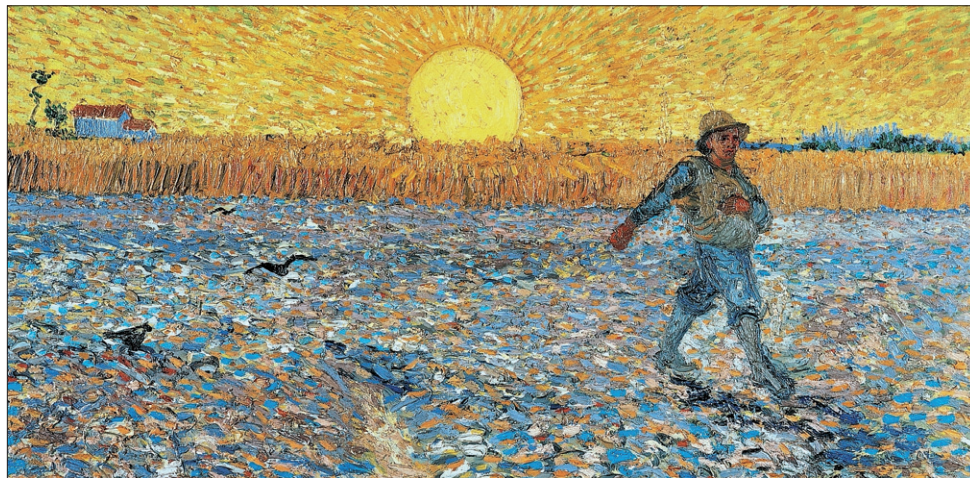
Para que serve o óbolo? Por que os fiéis são chamados a esta angariação?

A contribuição dos fiéis para o óbolo é uma forma concreta de colaboração com a missão do Santo Padre para o bem de toda a Igreja. Em 2019, o fundo do óbolo cobriu 32% das despesas para a missão da Santa Sé. A estrutura e os serviços são, ao contrário, cobertos por fundos próprios. A coleta do óbolo foi de 53 milhões de euros, dos quais 10 milhões foram doados para fins específicos. Por outras palavras, o fundo colaborou com a missão do Santo Padre com 66 milhões de euros, 23 a mais de quanto foi recolhido. Isto tem acontecido nos últimos anos. E significa que também foi descapitalizado. Mas sempre para a missão a que se destina. O óbolo deve ser gerido com a sábia administração honesta, como se investem os talentos, como faz qualquer bom pai de família, a fim de garantir ao Papa o exercício da sua missão.

O caso do prédio de Londres, no entanto, desorienta muitos.

Compreendo. É verdade. Por isso é importante que haja clareza, que haja transparência. Entretanto, posso dizer uma coisa. Pelo que sei, as perdas em Londres não foram cobertas pelo óbolo, mas por outros fundos de reserva da Secretaria de Estado. E gostaria de acrescentar outra coisa para concluir: devemos estar sempre gratos ao Povo Santo de Deus que ajuda a missão do Papa. Também por isso devemos ser transparentes. Como o Papa Francisco escreveu na sua última mensagem às Pontifícias Obras Missionárias, «a Igreja sempre continuou a avançar graças também ao óbolo da viúva, à contribuição daquela série innumerável de pessoas que se sentem curadas e consoladas por Jesus e, consequentemente, pelo transbordar da sua gratidão, dão o que têm». O nosso dever é gerir a sua doação com a honestidade, a prudência e a clareza do bom pai de família.

Vincent van Gogh
«Semeador ao pôr do sol»
(1888, detalhe)



AMY-JILL LEVINE

Com razão, o Papa Francisco escreve: «As histórias marcamos, moldam as nossas convicções e os nossos comportamentos, podem ajudar-nos a compreender e a dizer quem somos».

As parábolas de Jesus inspiraram teólogos e eticistas, artistas e escritores, em todos os séculos e em todo o mundo. Também servem de ponte entre judeus e cristãos, porque as parábolas são narrações judaicas contadas pelo judeu Jesus a outros judeus. Quando eu, judia, leio estas parábolas, sinto quer os ecos das Escrituras de Israel (o Antigo Testamento da Igreja, o Tanakh da Sinagoga), quer a antecipação de histórias contadas na sucessiva literatura hebraica.

As parábolas encorajam-nos a ver o mundo de forma diferente; ajudamos a questionar os nossos pressupostos; põem em movimento não só a imaginação, mas também a resposta. Quando eu, judia, leio estas parábolas, tanto mais posso formular as perguntas certas e reconhecer as ambiguidades da vida. A leitura das parábolas diz-me o que sei que é verdadeiro e certo, mas que procuro ignorar ou esquecer. As parábolas de Jesus inspiram-me e, às vezes, acusam-me.

As parábolas, além disso, como todas as histórias, estão abertas à interpretação. Marcos (4, 33-34) afirma: «Era por meio de numerosas parábolas desse género que Ele lhes anunciava a palavra, conforme eram capazes de compreender. E não lhes fala-

va, a não ser por parábolas; a sós, porém, explicava tudo aos seus discípulos». Os Evangelhos conservam algumas destas explicações. Tendo em consideração a ocasional obtusidade dos discípulos – quando Jesus os admoesta: «Guardai-vos do fermento dos fariseus» (Mt 8, 15), pensam que está preocupado com a falta de pão; Jesus é capaz de alimentar 5.000 pessoas, mas os discípulos não conseguem compreender a metáfora – é bom que a interpretação seja deixada aos leitores.

Dado que as parábolas são concebidas para abordar os nossos fracassos e falhas, tendemos a resistir à sua mensagem. É muito mais fácil receber uma mensagem de conforto do que uma de desafio. Demasiadas vezes contentamo-nos com interpretações simples, ou interpretações que nos podem ter sido ensinadas quando éramos crianças: devemos ser tão bons quanto o samaritano; seremos perdoados como o filho pródigo. Estas interpretações não estão erradas, mas de qualquer maneira são incompletas.

Se nos limitarmos às lições fáceis, faltar-nos-á o modo como os primeiros seguidores de Jesus devem ter ouvido as parábolas, e também a genialidade do ensinamento de Jesus. Pois os seguidores eram judeus, e os judeus sabiam que as parábolas são mais do que meras histórias de crianças. Sabiam que as parábolas eram feitas para desafiar, ou para acusar.

Suponho que os primei-

ros intérpretes das parábolas de Jesus foram os evangelistas. Talvez tenha sido Lucas quem explicou que a parábola do juiz e da viúva se refere à necessidade de rezar sempre (18, 1), que a parábola do filho pródigo é sobre o arrependimento e o perdão, que a parábola do servo infiel significa «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro» (16, 13). Talvez tenha sido Mateus quem nos disse que a parábola dos trabalhadores da vinha é sobre o modo como «os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos» (20, 16).

Estas interpretações correspondem às preocupações de Jesus. Mas se voltarmos a ouvir as parábolas, para além destas interpretações conhecidas, encontramos também outras boas notícias. Por exemplo, hoje identificamo-nos com o samaritano e, portanto, com a ajuda às pessoas necessitadas. Os judeus que ouvíssem Jesus identificar-se-iam com a vítima e perguntar-se-iam: «Quem me salvará?». Além disso, embora seja bastante comum ouvir dizer que o sacerdote e o levita ignoraram o homem no fosso porque estavam preocupados com questões de pureza ritual, trata-se de uma leitura errada tanto da parábola como do judaísmo.

O sacerdote e o levita não têm desculpas; não seguraram a Torá. Então, porquê um sacerdote e um levita? A resposta tem a ver com a genealogia dos judeus. Segundo a tradição judaica até aos dias de hoje, é-se sacerdote (descendente de Aarão, irmão de Moisés, porque no judaísmo o sacerdócio não é uma vocação, mas uma herança), levita (descendente do antepassado de Aarão, Levi, terceiro filho de Jacob e Lia), ou is-

raelita (descendente dos outros filhos de Jacob).

Aquele que se detém não é um israelita, mas um samaritano, que é rival e frequentemente inimigo dos judeus. Os samaritanos consideravam-se descendentes das dez tribos do norte de Israel. Os samaritanos e os judeus adoravam o mesmo Deus, praticavam as mesmas tradições, liam as mesmas Escrituras. Mas tinham um centro de culto rival no monte

das dovelas tresmalhada e da moeda perdida. Os judeus sempre compreenderam Deus como Pai amoroso e clemente, por isso ela deve conter uma mensagem mais profunda.

A parábola começa com «Um homem tinha dois filhos», e este versículo remete-nos para Caim e Abel, Ismael e Isaac, Esaú e Jacob. Em cada uma destas histórias, o irmão mais novo é favorecido e o irmão mais velho é tratado injustamente.

Na parábola de Jesus, o pai acolhe o filho pródigo oferecendo-lhe um banquete, com comida, música e dança. Mas, ao contrário do homem que deixou as noventa e nove ovelhas para ir em busca da tresmalhada, ou da mulher que, compreendendo que tinha perdido uma das dez moedas, procura-a diligentemente, o pai – que tem dois filhos – nada disse. O irmão mais velho tem que interpretar um escravo para obter informações sobre a festa; o seu pai esqueceu-se de o convidar para a celebração. Não admira que ele se zangue. Encontrar uma ovelha tresmalhada ou uma moeda perdida é fácil em comparação com a reconquista de um filho que não se sente amado.

A parábola recorda-nos a importância de garantir que todos se sintam considerados, que todos se sintam notados: a criança obediente negligenciada porque a sua irmã é mais inteligente ou mais dotada, ou porque o irmão é toxicodependente ou tem necessidades especiais. A terceira parábola de Lucas 15 insiste, dizendo que também nós, como o homem na primeira parábola e a mulher na segunda, somos considerados.

A parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32) é tradicionalmente entendida como se se referisse ao arrependimento e ao perdão, pois é nestes termos que Lucas interpreta as parábolas da ovelha tresmalhada e da moeda perdida. Mas, ao contrário do homem que deixou as noventa e nove ovelhas para ir em busca da tresmalhada, ou da mulher que, compreendendo que tinha perdido uma das dez moedas, procura-a diligentemente, o pai – que tem dois filhos – nada disse. O irmão mais velho tem que interpretar um escravo para obter informações sobre a festa; o seu pai esqueceu-se de o convidar para a celebração. Não admira que ele se zangue. Encontrar uma ovelha tresmalhada ou uma moeda perdida é fácil em comparação com a reconquista de um filho que não se sente amado.

A parábola coloca-nos no fosso, e depois obriga-nos a compreender que a pessoa que suspeitamos que nos matará é a única que nos salva. Lembra-nos que somos todos criados à imagem e semelhança de Deus. Desperta-nos da nossa complacência; proclama que o inimigo pode ser um salvador, pois cada pessoa tem em si o potencial do bem.

A parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32) é tradicionalmente entendida como se se referisse ao arrependimento e ao perdão, pois é nestes termos que Lucas interpreta as parábolas

das dovelas tresmalhada e da moeda perdida. Os judeus sempre compreenderam Deus como Pai amoroso e clemente, por isso ela deve conter uma mensagem mais profunda.

A parábola começa com «Um homem tinha dois filhos», e este versículo remete-nos para Caim e Abel, Ismael e Isaac, Esaú e Jacob. Em cada uma destas histórias, o irmão mais novo é favorecido e o irmão mais velho é tratado injustamente.

Na parábola de Jesus, o pai acolhe o filho pródigo oferecendo-lhe um banquete, com comida, música e dança. Mas, ao contrário do homem que deixou as noventa e nove ovelhas para ir em busca da tresmalhada, ou da mulher que, compreendendo que tinha perdido uma das dez moedas, procura-a diligentemente, o pai – que tem dois filhos – nada disse. O irmão mais velho tem que interpretar um escravo para obter informações sobre a festa; o seu pai esqueceu-se de o convidar para a celebração. Não admira que ele se zangue. Encontrar uma ovelha tresmalhada ou uma moeda perdida é fácil em comparação com a reconquista de um filho que não se sente amado.

A parábola recorda-nos a importância de garantir que todos se sintam considerados, que todos se sintam notados: a criança obediente negligenciada porque a sua irmã é mais inteligente ou mais dotada, ou porque o irmão é toxicodependente ou tem necessidades especiais. A terceira parábola de Lucas 15 insiste, dizendo que também nós, como o homem na primeira parábola e a mulher na segunda, somos considerados.

A parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32) é tradicionalmente entendida como se se referisse ao arrependimento e ao perdão, pois é nestes termos que Lucas interpreta as parábolas

Num livro as catequeses de Francisco sobre as bem-aventuranças

O cristianismo não é fácil mas é feliz

«Beati i poveri, Catechesi sulle beatitudini» («Bem-aventurados os pobres. Catequeses sobre as bem-aventuranças») é o título do livro, publicado pela Libreria Editrice Vaticana (Cidade do Vaticano, 2020, 46 páginas) que reúne as palavras

NUNZIO GALANTINO

Após dias em que – como disse o Papa Francisco – uma tempestade desmascarou a nossa vulnerabilidade e pôs a nu as certezas falsas e supérfluas com que construímos as nossas agendas, projetos, hábitos e prioridades, e fez cair a «maquilhagem» dos estereótipos com que mascaramos o nosso «ego», sentimos a necessidade de «retomar» a nossa vida com as suas esperanças, sonhos e também dificuldades (...).

Neste tempo tão «complicado», o magistério do Papa Francisco guia-nos, pedindo-nos que façamos a nossa reflexão sobre as bem-aventuranças como «documento de identidade do cristão»; com efeito, enquanto representam a «configuração da vida» com os seus dramas e interrogações, desenham a «arte de estar aqui e agora» (J. Mendonça) do cristão.

Entre as páginas mais fascinantes e exigentes do Evangelho, as bem-aventuranças dizem-nos que a vida cristã não é contrária nem pouco propensa à felicidade, nem sequer tem desconfinça em relação a ela; mostram-nos o rosto alegre do crente que na sua vida encontrou os motivos profundos pelos quais vale a pena viver, lutar e esperar; ajudam a levantar-nos e a voltar a partir até quando a esperança parece ter-se tornado «estrangeira» na nossa vida.

Numa homilia no dia nacional da Argentina, o Papa Francisco, ainda arcebispo de Buenos Aires, exortou a «meditá-las com calma (...), uma espécie de «cadência sapiencial», para que o seu significado chegue ao nosso coração» (...).

Sentado na montanha, como verdadeiro Mestre, Jesus dirige-se não só aos discípulos e à multidão que o segue, mas a todos aqueles que procuram a felicidade, o homem todo, cada homem, anunciando a promessa de uma vida «boa» e plenamente humana, e o caminho a percorrer para

do Papa Francisco pronunciadas nas audiências gerais de 29 de junho de 2019 a 29 de abril de 2020. Apresentamos a seguir amplos excertos do prefácio escrito pelo bispo presidente da Administração do património da Sé Apostólica.

ra a experimentar. As bem-aventuranças atraem-nos precisamente por este motivo: Jesus fala ao nosso coração inquieto, à nossa sede de amor, à nossa indelével necessidade de felicidade, à carência que há no fundo de cada um de nós, de sermos reconhecidos na nossa verdadeira identidade, amados com afeto puro, total, bello e que dure para sempre. Precisamente aqui começa o anúncio de Jesus. Ao dizer «bem-aventurados» Ele recorda o mundo das nossas maiores aspirações, enquanto o que acrescenta de tempos a tempos nos desconcerta e questiona, porque parece indicar exatamente o oposto do que teríamos imediatamente desejado ou procurado.

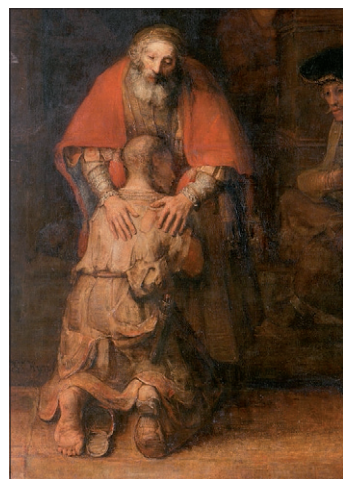
Não se trata de um discurso consolador nem ilusório, mas de um grito – recordemos as imagens do Jesus de Pasolini – que convida a levantar-nos, a colocar-nos de novo a caminho. A palavra-chave que Jesus repetirá nove vezes é, com efeito, *asire*, termo que em hebraico soa como um convite a seguir em frente. Uma promessa que é certa e precede aqueles que vivem uma determinada situação. Uma palavra que indica um estilo a assumir. Uma palavra que muda a perspectiva com que se olha para a vida, para a realidade, para os outros (...).

Traduzimos esta expressão, muitas vezes presente nos Salmos e na sabedoria de Israel, como «bem-aventurados» (do grego *makarios*, que os Evangelhos tiram da versão dos LXX). Infelizmente, não temos um termo italiano que revele adequadamente o seu conteúdo. «Bem-aventurados» não é um adjetivo, é um convite à felicidade, à plenitude da vida, à consciência de uma alegria que nada nem ninguém pode subtrair nem extinguir (...).

Aceitar o convite do Papa Francisco a meditar sobre as bem-aventuranças significa descobri-las como uma promessa de felicidade, como uma exortação à beleza, a modelar a própria vida até a transformar numa obra-prima. Mas ainda mais que de felicidade, o homem precisa de sentido, e as bem-aventuranças, como promessa, atestam que se pode encontrar sentido até no absurdo da dor, que o mundo pode ser vivido até no inviável da perseguição, da violência sofrida, das situações de guerra (...).

O autorretrato mais exato e fascinante de Jesus – a imagem de si que Ele nos revela e imprime no nosso coração – as bem-aventuranças tornam-se uma revelação de vida possível para nós, se encontrarmos as nossas raízes na humanidade de Jesus. Então compreendemos que até a perseguição e a aflição, a falta de paz e de justiça são situações que nos podem abrir à bem-aventurança, ensinando-nos a trabalhar pela paz, a ousar a misericórdia, a viver na mansidão, a criar beleza. São o anúncio de que Deus se alia à alegria dos homens e cuida deles. O Evangelho assegura-me que o sentido da vida consiste, no seu íntimo, no seu núcleo profundo, na busca da felicidade (...).

As bem-aventuranças são também um programa para quantos seguem Jesus. Programa inesperado, contracorrente, que provoca e apela a uma verdadeira mudança na vida, que abre novos caminhos que deixam sem fôlego: felizes os pobres, os obstinados a propor caminhos de justiça, os pacificadores, os que têm um coração doce e olhos de criança, os não-violentos, os que são corajosos porque desamparados. Elas são a única força invencível. A felicidade prevista pelas bem-aventuranças não é apenas do futuro, do além: Jesus não diz que os pobres, os mansos, os aflitos «serão» bem-aventurados; diz que «são» bem-aventurados, já o são agora (...). Permeados por esta alegria pascal, a pobreza torna-se riqueza; as lágrimas podem transformar-se em alegria; a pureza de coração torna-se transparência de Deus; a mansidão conquista mais do que a violência; a misericórdia penetra e convence mais do que a severidade; a paz prevalece sobre a guerra; o amor vence o ódio, destruindo-o. Vivendo a lógica exigente das bem-aventuranças, o cristão traça continuamente caminhos de esperança: afirma que o mundo não está nem estará, nem hoje nem amanhã, sob a lei do mais rico e do mais forte (...).



Rembrandt, «O regresso do filho pródigo» (1668, detalhe)



CONTINUA NA PÁGINA 10

O pensamento social cristão «por princípio não é contrário à perspectiva do lucro», mas «é contrário ao lucro a qualquer custo, ao lucro que esquece o homem, que o torna escravo, que o reduz a uma coisa entre as coisas, a uma variável de um processo que ele não pode de modo algum controlar e ao qual não pode de forma alguma opor-se», explicou o Papa Francisco a dirigentes e funcionários da “Cassa Depositum e Prestitum”, recebidos em audiência na manhã de 5 de outubro, na sala Paulo VI, por ocasião do 170º aniversário de fundação do instituto.

Ilustres Senhores e Senhoras!

Saúdo-vos cordialmente e agradeço ao Presidente e ao Administrador Delegado as amáveis palavras de apresentação.

Este encontro tem lugar cento e setenta anos após a fundação da vossa instituição. Criada como “Cassa Piemontese”, a seguir à unidade política da Nação, mudou a denominação para “Cassa Depositum e Prestitum”. Desde então, a tarefa do vosso Instituto foi redesenhada segundo a evolução e as necessidades do país, carente de investimentos constantes, modernização, apoio às autoridades locais, ajuda à formação profissional e à produtividade.

Estas linhas de desenvolvimento requerem ainda hoje um compromis-



Discurso do Pontífice aos funcionários e dirigentes da “Cassa Depositum e Prestitum”

O homem não pode ser escravo do lucro

so generoso da vossa parte. Pensemos nos desafios provocados no campo social e económico pela grave pandemia ainda em curso. Pensemos nos fenómenos com repercussões muito significativas, tais como o declínio de certas formas de produção, que necessitam de renovação ou transformação radical. Pensemos nas mudanças que ocorreram no modo de comprar e vender os bens, com o risco de concentrar o comércio nas

mãos de algumas realidades de dimensão global. E isto em detrimento das peculiaridades dos territórios e das competências profissionais locais, tão típicas da realidade italiana e europeia.

A doutrina social da Igreja concorda com uma visão em que mais investidores esperam uma justa remuneração dos recursos recolhidos, canalizando-os depois para o finan-

ciamento de iniciativas destinadas à promoção social e coletiva. O pensamento cristão não se opõe, por princípio, à perspectiva do lucro, mas opõe-se ao lucro a qualquer custo, ao lucro que esquece o homem, que o escraviza, reduzindo-o a uma coisa entre as coisas, a uma variável de um processo que não pode de forma alguma controlar e ao qual não pode de modo algum opor-se.

A gestão dos negócios exige sempre de todos uma conduta leal e limpa que não ceda à corrupção. No exercício das próprias responsabilidades, é necessário saber distinguir o bem do mal. Com efeito, até no campo da economia e das finanças, reta intenção, transparência e busca de bons resultados são compatíveis e nunca devem ser separadas. Trata-se de identificar e percorrer corajosamente linhas de ação que sejam respeitadoras, aliás, promotoras, da pessoa humana e da sociedade.

No vosso trabalho, sois chamados a gerir dia após dia, com atenção escrupulosa, as relações com as várias realidades que de vós esperam um apoio. Uma instituição como a vossa pode dar testemunho concreto de uma sensibilidade solidária, promovendo o relançamento da economia real como força motriz do desenvolvimento dos indivíduos, das famílias e da sociedade como um todo. Também deste modo podemos acompanhar o progresso gradual de uma nação e servir o bem comum, com o esforço de multiplicar e tornar os bens deste mundo mais acessíveis a todos (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 203).

Estes são os votos que formulo por ocasião do vosso aniversário, encorajando-vos a prosseguir a vossa ação com generosidade. A assistência do Espírito Santo vos acompanhe e vos torne construtores de justiça e de paz. A vós aqui presentes e a todos os membros da “Cassa Depositum e Prestitum”, asseguro a minha recordação na oração e, enquanto vos peço também que rezeis por mim, concedo-vos a Bênção Apostólica, e de coração também aos vossos familiares!

O novo site da Lev

Alteram-se gráfica e conteúdo

O novo website da Libreria editrice vaticana (Lev) está online. A notícia foi dada através de um comunicado da própria Livraria, explicando que o endereço é sempre o mesmo (www.libreriaeditricevaticana.va) mas foi completamente renovado em termos de gráfica e de cores: é um espaço concebido e projetado com o objetivo de tornar o mais eficaz possível a experiência de navegação e pesquisa.

«Trata-se de um site editorial e de comunicação», disse ao Vatican news o diretor editorial da Lev, Ir. Giulio Cesareo, enumerando os instrumentos escolhidos para alimentar a relação com o público. «Entre eles», afirmou, «encontram-se antecipações exclusivas, entrevistas em vídeo com os autores e relatórios das apresentações dos livros».

A abertura do site é dedicada à secção de vídeos com cliques produzidos por Vatican news ligados aos livros. Entre as novidades mais significativas está a criação de uma secção dedicada a Newsletter, um espaço mediante o qual a editora atualizará periodicamente as novas publicações e eventos; e uma ligação direta ao portal de Vatican news e aos canais sociais do Papa Francisco. «O objetivo – comentou Giulio Cesareo – é permitir que todos acedam a este arcópio de reflexão da Igreja que nos foi confiado para a difusão».

Está dividido em quatro partes – “Papa”, “Vaticano”, “Igreja” e “Mundo” – de acordo com a linha editorial do Dicasterio para a Comunicação da Santa Sé.



Em “Papa”, haverá os textos dos Sumos Pontífices, os documentos do magistério, as suas biografias e textos inéditos; em “Vaticano”, os documentos das Congregações e Dicasterios da Cúria romana, assim como as revistas: *Acta Apostolicae Sedis*, *Acta Oecumenica*, *Communicationes*, *Educatio Catholica*; em “Igreja” será possível descobrir muitas das coletâneas e a produção de textos de natureza teológica, espiritual, litúrgica e pastoral, mas também livros sobre arte litúrgica e sacra, história eclesial, mística, direito canónico e comentários sobre os documentos magisteriais dos Pontífices; e em “Mundo”, todos os volumes que – do ponto de vista eclesial e católico – vão da atualidade à literatura, mas que também relatam as experiências daqueles que – através das suas vicissitudes e ideais – representam um dom e oferecem uma contribuição para a vida da Igreja e do mundo.

O Papa encorajou o Círculo de São Pedro no serviço aos novos pobres atingidos pela pandemia

Coração que vê, mãos que fazem

Temos necessidade de um «coração que veja e mãos que façam» para contrastar «os efeitos da pandemia», que «serão terríveis», disse Francisco aos sócios do Círculo de São Pedro, recebidos em audiência na manhã de 25 de setembro, por ocasião da entrega anual do obolo recolhido nas igrejas de Roma e destinado à caridade do Papa.

Estimados Sócios do Círculo de São Pedro, bem-vindos!

Agradeço ao novo Presidente da Associação, Marquês Niccolò Sacchetti, as amáveis palavras que me dirigiu, e desejo-lhe muitas felicidades para este novo cargo.

O vosso lema é: «Oração – Ação – Sacrifício». Estas palavras representam os três princípios cardiais em que se baseia a vida da Associação. No nosso encontro do ano passado, concentrei a minha reflexão na primeira: a oração (cf. *Discurso aos sócios do Círculo de São Pedro*, 19 de fevereiro de 2019). Este ano, no entanto, gostaria de me concentrar na ação.

A pandemia, com a exigência do distanciamento interpessoal, pediu-vos que reconsiderásseis as modalidades concretas das obras de caridade que, no dia a dia, realizais a favor dos pobres de Roma. As necessidades das pessoas que vós servis habitualmente foi acrescentada a necessidade de responder às carências urgentes de numerosas famílias, que de um dia para o outro se viram em dificuldades financeiras. E não tenhamos medo: haverá cada vez mais e mais, porque os efeitos da pandemia serão terríveis.

A uma situação extraordinária não podemos dar a resposta habitual, mas é necessária uma reação nova e diferente. Para isto é preciso ter um coração que saiba “ver” as feridas da sociedade e mãos criativas no trabalho da caridade. Coração que veja e mãos que façam. Estes dois elementos são importantes para que uma ação caritativa possa ser sempre frutuosa.

Antes de mais, é urgente identificar na cidade a rápida transformação de novas formas de pobreza. Normalmente, a pobreza tem pudor: é preciso sair e descobrir onde ela está... Novas formas de pobreza: sabeis bem, há muitas: pobreza materiais, pobreza humanas, pobreza sociais. Cabe a nós vê-las com os olhos do coração. É necessário saber olhar para as feridas humanas com o coração a fim de “ter a peito” a vida do outro. Assim, já não é apenas um estranho que precisa de ajuda mas, antes de mais nada, um irmão, um irmão que implora o amor. E só podemos responder a esta expectativa se nos preocuparmos com alguém. É a experiência da misericórdia: misericórdia, dar o coração aos miseráveis.

O nosso mundo, como São João Paulo II observou há quarenta anos, «parece não deixar espaço para a misericórdia» (Enc. *Dives in misericórdia*, 2). Cada um de nós é chamado a inverter o rumo. E isto é possível,



vel, se nos deixarmos comover pelo poder da misericórdia de Deus. Um lugar privilegiado para ter esta experiência é o Sacramento da Reconciliação. Ao apresentar as nossas misérias ao Senhor, somos envolvidos pela misericórdia do Pai. E é esta misericórdia que somos chamados a viver

e a oferecer. Vem sempre de Deus, para nós e para os outros.

Depois de ver as feridas da cidade em que vivemos, a misericórdia convidava-nos a ter “fantasia” nas mãos. Fizestes isto neste tempo de pandemia, e muito! Tendo aceite o desafio a responder a uma situação concreta,

fostes capazes de adaptar o vosso serviço às novas necessidades impostas pelo vírus. Gosto de lembrar também um pequeno mas grande gesto que o grupo de jovens do Círculo fez aos membros mais idosos: uma série de telefonemas para ver se tudo estava a correr bem e para lhes oferecer um pouco de companhia. Esta é a fantasia da misericórdia!

Encorajo-vos a continuar com empenho e alegria as vossas obras de caridade, sempre atentos e prontos a responder com audácia às necessidades dos pobres. Não vos canseis de pedir esta graça ao Espírito Santo na oração pessoal e comunitária.

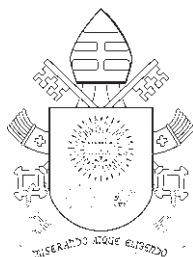
Agradeço-vos porque sois uma expressão concreta da caridade do Papa, que se preocupa com as pobreza de Roma. Com os pobres e com as pobreza. E estou-vos grato pelo Obolo de São Pedro, que todos os anos recolheis nas igrejas da cidade e que hoje me oferecis.

Confio-vos, bem como aos vossos familiares e todas as pessoas que assistis diariamente, a Maria, Salus Populi Romani, e à intercessão dos santos padroeiros de Roma, Pedro e Paulo. E peço-vos que continueis a rezar por mim. Obrigado!

Mensagem na abertura da assembleia plenária do Conselho das Conferências episcopais da Europa

As novas pobreza reivindicam uma corajosa fantasia da caridade

Diante das «novas pobreza» provocadas pela crise, é necessário dar vida a uma corajosa «fantasia da caridade», manifestando «uma proximidade cada vez mais atenta e generosa aos mais frágeis», recomendou o Papa Francisco na mensagem enviada a 25 de setembro aos participantes na assembleia plenária do Conselho das Conferências episcopais da Europa, que teve lugar online até ao dia 27 sobre o tema «A Igreja na Europa após a pandemia. Perspetivas para a criação e para as comunidades».



Ao Senhor Cardeal
Angelo Bagnasco
Presidente do Conselho
das Conferências Episcopais
da Europa

Por ocasião da Assembleia Plenária deste Conselho, que se realiza em Praga, sinto-me feliz por transmitir as minhas cordiais saudações aos Presidentes das Conferências Episcopais Europeias, garantindo a minha proximidade espiritual. Desejo manifestar o meu apreço pelo tema escolhido: «A Igreja na Europa

após a pandemia. Perspetivas para a criação e para as comunidades», e espero que o vosso encontro possa oferecer uma contribuição significativa, especialmente às comunidades eclesiais do Continente europeu.

A experiência da pandemia marcou-nos profundamente, porque atingiu de modo dramático um dos requisitos estruturais da existência, o da relacionalidade entre as pessoas e na sociedade, alterando assim hábitos e relações que também modificaram as condições da vida social e económica. A própria vida eclesial foi envolvida de forma significativa, obrigando a remodelar a prática religiosa: muitas atividades pastorais ainda estão à espera de adaptação.

A morte de muitos idosos, os dramas de famílias surpreendidas por uma dor grande e ameaçadora, os dramas de crianças e jovens fechados em casa, ritos religiosos e cursos de formação cristã suspensos, levaram muitos sacerdotes e religiosos a identificar modalidades corajosas de serviço pastoral, teste-

munhando a proximidade paterna e terna ao povo. Face à explosão de novas pobreza, é necessário que esta fantasia da caridade continue, manifestando uma proximidade cada vez mais atenta e generosa aos mais frágeis.

As comunidades cristãs são chamadas a reler espiritualmente o que vivemos, de modo a aprender o que a vida ensina e a discernir perspectivas para o futuro. Trata-se de extrair a atitude do escriba que atraindo coisas novas e coisas antigas do seu tesouro (cf. *Mt* 13, 52).

Asseguro a minha oração para que, por intercessão da Virgem Maria e dos Santos Padroeiros Bento, Cirilo e Metódio, os Pastores da Igreja na Europa possam incutir nos fiéis toda a certeza da fé para que, aconteça o que acontecer, nada nos possa separar do amor de Cristo (cf. *Rm* 8, 38-39).

Enquanto pego que oreis por mim, concedo a Vossa Eminência, Senhor Cardeal, aos demais irmãos Bispos e às respetivas comunidades eclesiais, a Bênção Apostólica.

Roma, São João de Latrão,
4 de setembro de 2020.

Franciscus

Uma imagem da beatificação presidida pelo cardeal Zuppi

Beatificado em Bolonha o sacerdote Olinto Marella

Pai dos pobres e dos órfãos

O padre Olinto Marella afeiçoou-se aos pobres e «libertou muitos jovens da escravidão da pobreza e da fome, irmãs da “pandemia” da guerra, e que é inútil e impossível distinguir uma da outra». Assim o cardeal Matteo Maria Zuppi, arcebispo de Bolonha, recordou o presbítero veneto (1882-1969) durante a beatificação presidida – em representação do Papa Francisco – na tarde de 4 de outubro, na praça Maggiore.

Olinto Marella, explicou o purpurado, «não queria que ninguém permanecesse no inferno do abandono e do desespero, e aos numerosos órfãos não oferecia apenas um teto, mas também uma família e um futuro». Os órfãos, acrescentou, «são nossos e a sua paternidade convidamos a adotar os indefesos», especialmente nestes tempos em que «nos confrontamos com a pandemia e com os muitos sofrimentos físicos e mentais que ela provoca».

Precisamente nesta época de crise, o padre Marella ensina-nos «a nunca nos habituarmos ao mal e a procurar respostas concretas para todos». O

Papa recordou-nos muitas vezes que «estamos no mesmo barco». Portanto, é necessário que «ninguém seja excluído, pois isto significaria abandoná-lo no meio das ondas de tempestades terríveis». Só juntos poderemos sair dela, salientou o arcebispo, acrescentando: «Não queremos que ninguém seja deixado sozinho ou para trás».

Não há tempo a perder «em discussões inúteis, cálculos de conveniência a buscar ou orgulhos pessoais a defender: o tempo é demasiado sério para o desperdiçar em interesses individuais mesquinhos». De resto, recordou, o padre Marella não perdeu tempo e após «a “pandemia” da guerra envolveu muitos, diria todos os que conseguiu, no “solidum” das esmolas, inserindo-se no âmago da cidade, ajudando os bolonheses a compreender a sua própria cidade e a encontrar o coração».

Ele, acrescentou, tinha um «intelecto de amor», ou seja, «uma caridade inteligente e criativa». Cada cristão «é chamado a ser bom: não presunçoso nem superficial, mas pai



dos pobres que lhe pertencem porque são a presença real de Cristo». É a esmola é «o primeiro modo de ensinar a nossa sociedade – governada pela lei do mercado e pelo mecanismo impiedoso de dar e possuir – a libertar-se do cálculo e das conveniências, pelo que só faço algo se eu for beneficiado, se receber uma recompensa». Com efeito, a esmola não espera «prestação de contas, resultado imediato ou gratidão». Além disso, observou, «pedir esmola é humilhante, significa sujeitar-se ao olhar de todos, muitas vezes até a certos julgamentos depreciativos. É-

se obrigado a ficar ao ar livre durante horas, às vezes exposto ao frio».

O padre Marella, disse ainda o cardeal, «ocupava o lugar dos pobres, para lhes dar um futuro», dizendo: «Não me interessa o passado dos meus jovens, mas o seu futuro». Deu vida à «Cidade dos jovens» para que eles «vivessem como homens na cidade e para que ela fosse à medida dos mais frágeis». Responsabilizava-os porque, «como qualquer pai, queria o melhor para os seus filhos e não descansava enquanto eles não começassem a caminhar sozinhos, consciente de que em cada um deles havia um dom, “de acordo com a graça concedida”». Ele «desejava homens livres, porque Deus cresce na consciência, não a teme, aliás, alimenta-a, defende-a». Aos seus alunos, gostava de dizer: «Quando pensardes que entendestes tudo, teréis compreendido pouco, pois a inteligência é apenas um fósforo aceso num mar de trevas, e só ilumina uma pequena parte dela. Tudo o resto é escuro, é mistério, é Deus». Hoje, acrescentou o arcebispo, «sentimo-nos mais unidos e determinados a encher e a oferecer aquele chapéu de partilha e de solidariedade, para responder às difíceis interrogações dos homens». E convidou a tornar-nos «mendigos humildes, como de resto o somos, a fim de preparar o futuro para os outros e oferecer o nosso coração como esmola. A humanidade atrai, tornando o homem verdadeiramente grande».

Depois, o cardeal Zuppi dirigiu uma oração ao padre Marella, pedindo-lhe que ajude todos a ser «os santos da porta ao lado», a procurarmos «o perdão de que precisamos, humilhando-nos na caridade, possível para todos», fazendo dos pobres os «nossos irmãos, para encontrar a bem-aventurança que não se compra nem se possui, mas que se dá e se recebe». Por fim, fez mais uma invocação ao novo beato, para que nos ensine «a amar a nossa mãe Igreja com inteligência e humildade», fazendo dela uma família em que «todos sejam irmãos», um «lar para os órfãos, onde todos experimentem a misericórdia, sintam sobre a sua fragilidade o olhar apaixonado de Deus e dos homens». Concluiu, recordando que a caridade é «a nossa alegria, pois não acaba, tudo crê, tudo espera e tudo suporta».

Cada parábola é um desafio

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

vindicações. Na versão grega não se pede “justiça” mas “vingança” (um ponto que criou dificuldades para os Padres da Igreja), pelo que nos perguntamos qual é a diferença entre justiça e vingança, por exemplo, quando as pessoas são condenadas à prisão? A parábola nunca ilustra o ponto de vista do adversário: como podemos avaliar o pedido, se não conhecermos os detalhes do caso? O juiz age com base na própria conveniência – a versão grega sugere que ele teme que a mulher o agrida! – e não no exame dos acontecimentos, o que nos leva a questionar o nosso sistema jurídico. Jesus ensina: «Reconcilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele, para que não aconteça que o teu adversário te entregue ao juiz, e o juiz te leve ao oficial e te coloque na prisão» (Mt 5, 25; cf. Lc 12, 58). Então, por que somos tão rápidos a processar e tão lentos a reconciliar?

Na parábola do servo infiel, ninguém se comporta de modo moral. O homem rico (as parábolas sobre homens ricos geralmente acabam mal para eles) acredita nos boatos; ele nem sequer dispõe dos documentos contábeis do administrador. O administrador, que é demasiado orgulhoso para implorar e se sente superior aos outros, defrauda o seu

senhor. Embora disponha dos documentos contábeis, pergunta aos devedores quanto devem. Os devedores podem não só dizer uma quantia mais baixa, mas também sugerir que ele escreva imediatamente um valor inferior.

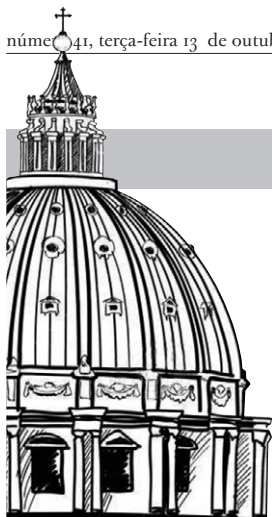
No final, o senhor elogia o administrador, o administrador mantém o seu trabalho, e o senhor ganha a reputação de ser generoso; os devedores devem pagar menos. Jesus obriga-nos a refletir sobre a moralidade: é permitido enganar uma pessoa rica? Será que o fim justifica os meios?

Por fim, a parábola dos operários da vinha fala de um homem que contrata os trabalhadores de manhã cedo, concordando o normal salário diário. Depois, contrata outros trabalhadores às nove horas, ao meio-dia, às três e às cinco. Ou ele não tem ideia do modo como gerir os negócios, ou há algo mais. No final da tarde, dá a todos o mesmo pagamento. Os primeiros murmuram porque pensavam que iriam receber mais. O dono da vinha diz-lhes: «Toma o que é teu, e retira-te; quero dar a este último tanto quanto a ti» (Mt 20, 14).

Tradicionalmente, a Igreja interpretou esta parábola como se se referisse à igualdade na salvação, ou seja, que todos recebem a mesma graça, independentemente de quando aceitam o Evangelho. Não há

nada de errado com esta leitura, mas também podemos encontrar outros significados nela. Talvez a parábola chame a atenção para o próximo. As pessoas contratadas para trabalhar na vinha sabiam que outras tinham sido deixadas para trás, mas não intervieram a seu favor. Talvez a parábola seja sobre a necessidade de garantir que todos tenham dinheiro suficiente para comprar alimento. Isto seria coerente com o ensinamento judaico. O rei David declarou: «Quem poderia aceitar a proposta que fareis? A parte dos que ficaram junto às bagagens será a mesma que a de quantos foram ao combate. Eles compartilharão» (1 Sm 30, 24), e depois: «A partir daquele dia, estabeleceu David em Israel este costume e este direito, que subsistem ainda hoje» (30, 25).

As outras parábolas apresentam questões igualmente importantes se as ouvirmos com o coração aberto e mantivermos o nosso ego à distância. As parábolas de Jesus não nos fazem pensar apenas no perdão e arrependimento, julgamento universal e recompensa no céu. Também nos fazem pensar na ética e na economia, na necessidade e no desejo, na justiça e na vingança, nos nossos textos ancestrais e nas nossas relações atuais. Eles fazem exatamente o que o Papa Francisco diz que as boas histórias fazem.



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 1 de outubro

O Dep. Armin Laschet, Ministro Presidente do Estado de Nordrhein-Westfalen (Alemanha), com a Ex.^{ma} Esposa e o Séquito.

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e D. Eduardo Maria Taussig, Bispo da Diocese de San Rafael (Argentina).

No dia 5 de outubro

D. Adolfo Tito Yllana, Arcebispo Titular de Montecorvino, Núncio Apostólico na Austrália; e D. Nicolas Henry Marie Denis Thevenin, Arcebispo Titular de Aeclanum, Núncio Apostólico na República Árabe do Egito e Delegado da Santa Sé na Liga dos Estados Árabes.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 30 de setembro

Do Senhor Cardeal Patrick D'Rozario, C.S.C., ao governo pastoral da

Arquidiocese Metropolitana de Dhaka (Bangladesh).

A 1 de outubro

De D. Julio Enrique Prado Bolaños, ao governo pastoral da Diocese de Pasto (Colômbia).

A 6 de outubro

De D. Fidel Herráez Vegas, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Burgos (Espanha).

De D. Vicente Jiménez Zamora, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Zaragoza (Espanha).

A 7 de outubro

De D. Antônio Roberto Cavuto, O.F.M. Cap., ao governo pastoral da Diocese de Itapipoca (Brasil).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 29 de setembro

Presidente da Comissão para Assuntos Reservados, o Senhor Cardeal Kevin Farrell; Secretário, D. Filippo Iannone; Membros, D. Fernando Vérez Alzaga, D. Nunzio Galantino e o Rev.^{do} Pe. Juan Antonio Guerrero, S.J.

No dia 30 de setembro

Arcebispo Metropolitano de Dhaka (Bangladesh), D. Bejoy Nicephorus D'Cruze, O.M.I., até esta data Bispo da Diocese de Sylhet.

No dia 1 de outubro

Bispo da Diocese de Pasto (Colômbia), D. Juan Carlos Cárdenas Toro, até agora Bispo Titular de Nova e Auxiliar da Arquidiocese de Cali.

Presidente do Departamento de Trabalho da Sé Apostólica, o Rev.^{mo} Mons. Alejandro W. Bunge, atual-

mente Prelado Auditor do Tribunal da Rota Romana.

Diretor do Departamento de Trabalho da Sé Apostólica, o Prof. Pasquale Passalacqua, atualmente Docente de Direito do Trabalho na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Cassino e do Lácio Meridional (Itália).

Chefe de Departamento na Congregação para as Igrejas Orientais, o Rev.^{mo} Mons. Giulio Sembeni, até hoje Oficial da Secretaria de Estado, Assessoria para os Assuntos Gerais.

No dia 6 de outubro

Arcebispo Metropolitano de Burgos (Espanha), D. Mario Içeta Gavica-goeascoa, até esta data Bispo de Bilbao.

Arcebispo Metropolitano de Zaragoza (Espanha), D. Carlos Manuel Escríbano Subías, até agora Bispo da Diocese de Calahorra y La Calzada - Logroño.

Auxiliar da Arquidiocese Metropolitana de Barcelona, na Espanha, simultaneamente eleito Bispo Titular de Empúries, o Rev.^{do} Pe. Javier Vilanova Pellisa, do clero da Diocese de Tortosa, até hoje Reitor do Seminário Maior Interdiocesano da Catalunha.

D. Javier Vilanova Pellisa nasceu na localidade de La Fatarella, Diocese de Tortosa (Espanha), a 23 de setembro de 1973, e foi ordenado Presbítero no dia 22 de novembro de 1998.

No dia 7 de outubro

Bispo da Diocese de Itapipoca (Brasil), D. Rosalvo Cordeiro de Lima, até à presente data Bispo Titular de

Castellum Tatroportus e Auxiliar de Fortaleza.

Consultores do Departamento das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice, o Rev.^{do} Pe. Pietro Angelo Muroli, Decano da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma; e a Rev.^{da} Ir. Katia De Simone, E.F., Oficial da Secretaria de Estado e Perita em Liturgia.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

A 27 de setembro

D. Mario Luis Bautista Maulión, Arcebispo Emérito de Paraná, na Argentina.

O saudoso Prelado nasceu no dia 4 de dezembro de 1934, em Carcaraña, Arquidiocese de Rosário (Argentina). Recebeu a Ordenação sacerdotal em 11 de junho de 1960 e foi ordenado Bispo a 23 de maio de 1986.

A 4 de outubro

D. Giovanni D'Alise, Bispo de Caserta (Itália), de Covid-19.

O ilustre Prelado nasceu em Nápoles, na Itália, a 14 de janeiro de 1948. Foi ordenado Sacerdote no dia 23 de setembro de 1972 e recebeu a Ordenação episcopal em 17 de julho de 2004.

Igrejas Católicas Orientais

No dia 7 de outubro

O Sínodo da Igreja Patriarcal de Alexandria dos Coptas informou a Sé Apostólica que aceitou a renúncia de D. Botros Fahim Awad Hanna, ao governo pastoral da Eparquia de Minya (Egito).

Na qualidade de Administrador, o Patriarca, Sua Beatitude Ibrahim Isaac Sedrak, assumiu a chefia da mesma Circunscrição.

Tema do próximo Dia das comunicações sociais

«Vinde ver»

«Vinde ver» (Jo 1, 46). Comunicar encontrando as pessoas como e onde estão: eis o tema, anunciado a 29 de setembro, escolhido pelo Papa Francisco para o 55º Dia mundial das comunicações sociais, que será celebrado em maio de 2021.

«Vinde ver», as palavras do apóstolo Filipe são centrais no Evangelho: antes que de palavras, o anúncio cristão é feito de olhares, testemunhos, experiências, encontros, proximidade. Em síntese, de vida. E precisamente estas palavras, citadas no Evangelho de João (1, 43-46), foram escolhidas pelo Pontífice como tema da mensagem para o Dia das comunicações sociais.

Eis a citação evangélica: «No dia seguinte, Jesus tinha a intenção de partir para a Galileia. Encontrou Filipe e disse-lhe: «Segue-me». Filipe era natural de Betsaida, cidade de André e Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: «Encontramos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e que os Profetas anunciaram: é Jesus de Nazaré, filho de José». Natanael respondeu-lhe: «Pode, porventura, vir algo bom de Nazaré?». Filipe retorquiu: «Vinde ver»».

Na atual mudança de época, num tempo em que a pandemia obriga ao distanciamento social, a comunicação pode tornar possível a proximidade necessária para reconhecer o que é essencial e compreender verdadeiramente o significado das coisas. Não é possível conhecer a verdade sem a experimentar, sem encontrar as pessoas, sem participar nas suas alegrias e tristezas. O antigo ditado «Deus encontra-te onde estás» pode ser um guia para quantos se dedicam ao serviço dos meios de comunicação na Igreja. Na chamada dos primeiros discípulos, com Jesus que vai ao seu encontro e os convida a segui-lo, pode-se ver também o convite a usar todos os meios de comunicação, em todas as suas formas, para alcançar as pessoas como e onde vivem.

Saudação a uma peregrinação mariana argentina

No abraço da Mãe

Neste momento de crise devido à pandemia, há mais necessidade do «abraço» de Maria para superar as dificuldades e olhar para o futuro com esperança. Com este espírito o Papa Francisco uniu-se idealmente aos fiéis que, de 23 a 26 de setembro, participaram – de forma virtual precisamente devido às medidas tomadas para combater a propagação do coronavírus – na quadragésima edição da peregrinação à Virgem de Luján na cidade argentina de Centenario, província de Neuquén.

«Acompanho-vos daqui, uno-me à peregrinação, rezo por vós e, por favor, não vos esqueçais de orar por mim», disse o Pontífice numa breve mensagem de vídeo em espanhol, enviada aos participantes. «Gostei muito do lema: «Mãe, abraça-nos, queremos continuar a caminhar»», continuou, frisando que «com frequência o caminho torna-se difícil, e não só de vez em quando. Normalmente pode ser difícil, e é mais difícil ainda nestes momentos de pandemia e de tão grande ameaça contra a saúde, de tanto medo, de tantas exigências».

«Por isso precisamos que a Mãe nos abrace, que nos una», disse Francisco, recordando que certa vez ouviu dizer «que uma das tarefas da mãe é reunir os seus filhos». E à pergunta: «Qual dos filhos é o melhor, ou o preferido?», uma mulher respondeu: «Tenho cinco dedos, tenho cinco dedos na mão, se me picam um, sinto dor como se me picassem outro. São todos diferentes, mas todos iguais».

«Assim, concluiu o Papa, faz a Virgem connosco. Somos todos diferentes, mas Ela é Mãe e abraça-nos. É por isso que lhe pedimos: «Mãe, abraça-nos, queremos continuar a caminhar»».

ANGELUS

O Papa comentou a parábola do banquete de núpcias

Ninguém é excluído da casa de Deus

Presença mais significativa das mulheres na Igreja

«Ninguém é excluído da casa de Deus». Recordou o Papa Francisco no Angelus recitado da janela do Estúdio particular do Palácio apostólico do Vaticano com os fiéis presentes na praça de São Pedro ao meio-dia de domingo, 11 de outubro. Antes da prece mariana, comentou a parábola do banquete nupcial narrada no Evangelho de Mateus (22, 1-14).

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Com a narração da parábola do banquete nupcial, da página do Evangelho de hoje (cf. Mt 22, 1-14), Jesus delinea o designio de Deus para a humanidade. O rei que «preparou um banquete nupcial para o seu filho» (v. 2), é a imagem do Pai que preparou para toda a família humana uma maravilhosa festa de amor e comunhão ao redor do seu Filho unigênito. Duas vezes o rei envia os seus servos para chamar os convidados mas eles recusam-se, não querem ir ao banquete porque têm outras coisas em que pensar: campos e negócios. Muitas vezes também nós antepomos os nossos interesses e coisas materiais ao Senhor que nos chama – e nos chama para uma festa. Mas o rei da parábola não quer que o salão fique vazio, porque quer doar os tesouros do seu reino. Por isso diz aos servos: «Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas todos quantos encontrardes» (v. 9). É assim que Deus se comporta: quando é rejeitado, em vez de se render, insiste e convida a chamar todos aqueles que estão nas encruzilhadas, sem excluir ninguém. Ninguém é excluído da casa de Deus.

O termo original usado pelo evangelista Mateus refere-se aos limites das estradas, ou seja, aqueles pontos onde as ruas da cidade terminam e começam os caminhos que levam à zona rural, fora da cidade, onde a vida é precária. É a esta encruzilhada da humanidade que o rei da parábola envia os seus servos, na certeza de encontrar pessoas dispostas a sentar-se à mesa. Assim, o salão de banquetes está cheio de «excluídos», aqueles que estão «fora», aqueles que nunca tinham sido considerados dignos de participar numa festa, num banquete de núpcias. Pelo contrário: o senhor, o rei, diz aos mensageiros: «Convidai todos, bons e maus. Todos!» Deus chama até os maus. «Não, eu sou mau, fiz tantas...». Ele chama: «Vem, vem, vem!». E Jesus almoçava com os publicanos, que eram os pecadores públicos, os

maus. Deus não tem medo da nossa alma ferida por tantas maldades, porque nos ama, nos convida. É a Igreja é chamada a ir às encruzilhadas de hoje, ou seja, às periferias geográficas e existenciais da humanidade, àqueles lugares marginais, àqueles situações em que as pessoas se encontram acampadas e vivem como farrapos de humanidade sem esperança. Não se trata de nos acomodarmos nas formas confortáveis e habituais de evangelização e de testemunho da caridade, mas de abrir as portas dos nossos corações e das nossas comunidades a todos, pois o Evangelho não é reservado a poucos eleitos. Até os marginalizados, os rejeitados e desprezados pela sociedade, são considerados por Deus dignos do seu amor. Ele prepara o seu banquete para todos: justos e pecadores, bons e maus, inteligentes e inculcos. Ontem à noite, consegui fazer um telefonema a um sacerdote italiano idoso, missionário da juventude no Brasil, mas sempre a trabalhar com os excluídos, com os pobres. E ele vive essa velhice em paz: gastou a sua vida com os pobres. Esta é a nossa Igreja-Mãe, ele é o mensageiro de Deus que vai às encruzilhadas.

No entanto, o Senhor apresenta uma condição: usar o hábito nupcial. E voltemos à parábola. Quando o salão está cheio, o rei chega e cumprimenta os convidados da última hora, mas vê um deles sem o hábito nupcial, uma espécie de capa que cada convidado recebia de presente à entrada. As pessoas iam como estavam, como podiam vestir-se, sem hábito de festa. Mas à entrada era-lhes dada uma espécie de capa, um presente. Aquele convidado, ao recusar o presente, auto-excluiu-se: assim o rei mais não pode fazer do que mandá-lo embora. Este homem aceitou o convite, mas depois decidiu que para ele não significava nada: era uma pessoa auto-suficiente, não tinha desejo de mudar ou de deixar que o Senhor o mudasse. O hábito nupcial – esta capa – simboliza a misericórdia que Deus nos concede gratuitamente, ou seja, a graça. Sem a graça não se pode dar um passo em frente na vida cristã. Tudo é graça. Não basta aceitar o convite para seguir o Senhor, é necessário estar aberto a um caminho de conversão que mude o coração. O hábito da misericórdia, que Deus nos oferece incessantemente, é um dom gratuito do seu amor, é precisamente a graça. E requer ser recebido com maravilha e alegria:



“Obrigado, Senhor, por me teres concedido este dom”.

Que Maria Santíssima nos ajude a imitar os servos da parábola evangélica para sairmos dos nossos esquemas e da nossa mente fechada, anunciando a todos que o Senhor nos convida para o seu banquete, para nos oferecer a graça que salva, para nos dar o seu dom.

No final do Angelus o Papa expressou a sua proximidade às populações atingidas pelos incêndios em várias partes do mundo, encorajou de novo Arménia e Azerbaijão à paz, auspiciou uma presença mais incisiva das mulheres na Igreja e relançou a intenção de oração proposta para o mês de outubro.

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria de expressar a minha proximidade às pessoas atingidas pelos incêndios que assolam tantas regiões do planeta, bem como aos voluntários e bombeiros que arriscam a vida para os extinguir. Penso na costa ocidental dos Estados Unidos, particularmente na Califórnia, e também nas regiões centrais da América do Sul, na zona do Pantanal, no Paraguai, nas margens do rio Paraná e na Argentina. Muitos incêndios são causados por secas persistentes, mas também há incêndios provocados pelo homem. Que o Senhor apoie aqueles que sofrem as consequências destas catástrofes e faça com que tenhamos o cuidado de preservar a criação.

Apreciei que entre a Arménia e o Azerbaijão tenha sido concordado um cessar-fogo por motivos humanitários, na perspectiva de alcançar um substancial acordo de paz. Embora a trégua se revele demasiado frágil, encorajo a sua retomada e expresso a minha participação na dor pela perda de vidas humanas, pelos sofrimentos suportados e pela destruição de lares e locais de culto. Rezo e convido a rezar pelas vítimas e por todos aqueles cuja vida está em perigo.

Ontem, em Assis, foi beatificado Carlo Acutis, um jovem de quinze

anos apaixonado pela Eucaristia. Ele não se acomodou numa imobilidade confortável, mas colheu as necessidades do seu tempo, porque viu o rosto de Cristo nos mais frágeis. O seu testemunho mostra aos jovens de hoje que a verdadeira felicidade se encontra pondo Deus em primeiro lugar e servindo-O nos irmãos, especialmente nos últimos. Um aplauso ao novo jovem beato da geração atual!

Gostaria de recordar a intenção de oração que propus para este mês de Outubro, que diz: “Rezem para que os fiéis leigos, especialmente as mulheres, participem mais nas instituições de responsabilidade da Igreja”. Porque nenhum de nós foi batizado sacerdote ou bispo: todos fomos batizados como leigos e leigas. Os leigos são protagonistas da Igreja. Hoje há necessidade de alargar os espaços a uma presença feminina mais incisiva na Igreja, e a uma presença laica, claro, mas enfatizando o aspeto feminino, porque em geral as mulheres são postas de lado. Temos de promover a integração das mulheres nos locais onde são tomadas decisões importantes. Oremos para que, em virtude do batismo, os fiéis leigos, especialmente as mulheres, participem mais nas instituições de responsabilidade na Igreja, sem cair em clericalismos que anulam o carisma laical e também danificam o rosto da Santa Mãe Igreja.

No próximo domingo, 18 de Outubro, a Fundação Ajuda à Igreja que Sofre promove a iniciativa “Pela unidade e pela paz, um milhão de crianças recita o terço”. Encorajo este belo evento que envolve crianças de todo o mundo, que irão rezar especialmente pelas situações difíceis causadas pela pandemia.

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos de vários países: famílias, grupos paroquiais, associações e todos os fiéis. Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!